

Artigo

**Recebido em:
27.06.2020**

**Aprovado em:
02.10.2020**

**Publicado em:
02.12.2020**

CATOLICISMO NAS ILHAS DE ABAETETUBA-PA: FORMAÇÃO, VIVÊNCIA E HUMANIZAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA SÃO JOÃO BATISTA, ABAETETUBA, PARÁ, BRASIL.

CATHOLICISM IN THE ISLANDS OF ABAETETUBA-PA: FORMATION, EXPERIENCE AND HUMANIZATION OF THE CATHOLIC CHURCH SÃO JOÃO BATISTA, ABAETETUBA, PARÁ, BRAZIL

Rosenildo da Costa Pereira¹
Juliana da Costa Silva²
Jaqueline da Costa Silva³

RESUMO

O artigo analisa as formas de organização e atuação da Igreja Católica São João Batista, Abaetetuba-Pará junto aos ribeirinhos locais. Discorre a uma abordagem qualitativa de pesquisa, com observação e vivência no seio da comunidade, dialogando com referencial teórico bibliográfico. O resultado da pesquisa aponta para uma atuação considerável da igreja, uma vez que, observou-se com a pesquisa: formas de organização social e política, formação humanitária e religiosa proporcionada pelo viés catolicismo da instituição em comento.

Palavras-chave: Catolicismo. Religião. Ribeirinhos. Amazônia.

ABSTRACT

The article analyzes the forms of organization and performance of the Catholic Church São João Batista, Abaetetuba, Pará, along with local riverside dwellers. It discusses a qualitative approach to research, with observation and experience within the community, dialoguing with bibliographic theoretical framework. The result of the research points to a considerable role of the church, since, it was observed with the research: forms of social and political organization, humanitarian and religious formation, provided by the Catholicism bias of the institution in question.

Keywords: Catholicism. Religion. Riverside. Amazon.

¹ Doutorando em Antropologia – UFPA; Mestre em Educação – UEPA; Especialista em Educação do Campo – UFPA; Graduado em Pedagogia – UFPA. Pesquisador do Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão, Sociedade, Estado e Educação: ênfase nos governos municipais e educação do campo (GEPSEED) da UFPA - Campus de Abaetetuba e integrante do projeto de pesquisa: Travessias, identidades e saberes das águas - cartografia de saberes de populações ribeirinhas da mesma instituição. E-mail: rosenildocosta@bol.com.br

² Graduanda do curso de letras da Universidade do Estado do Pará-UEPA. E-mail: jullysilva@291299@gmail.com.

³ Graduanda de pedagogia da Universidade do Estado do Pará-UEPA. E-mail: kellysilva270498@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Para se compreender melhor as práticas religiosas inseridas no contexto social em uma localidade ribeirinha amazônica, particularmente da ilha de Campompema, deve-se observar e refletir sobre o ambiente em que ela se encontra: o contraste geográfico considerado na maioria das vezes de difícil acesso a bens imprescindíveis a vida (saúde, saneamento, energia elétrica etc), às práticas culturais específicas desse povo, os rituais religiosos em sua grande maioria católicos, e os meios econômicos, sociais e culturais particulares da realidade local, considerando o estudo realizado por Macedo (2010, p. 216) no mesmo contexto social desta pesquisa demonstraram que: “a presença da religião é um elemento forte na formação cultural da comunidade ribeirinha: a maioria da população entrevistada é de influência católica (80%) e o restante de evangélicos (20%)”.

A Amazônia é a maior região em biodiversidade e sociobiodiversidade do planeta, em que todos os povos das áreas rurais: ribeirinhas, indígenas e quilombolas, caboclos dentre outros, têm uma relação própria com esse meio extenso naturalmente e produtivamente valioso que desperta interesse do capital internacional, tendo em vista o potencial produtivo e estratégico da região, mas que ao mesmo tempo se mantém esquecido pelo poder público brasileiro por sua localização em uma área de complexidade geográfica que apresenta um espaço físico e aquático diversificado.

Nesse contexto, estão inseridas as comunidades ribeirinhas de assentamentos agroextrativistas e quilombolas que é o objeto de estudo do artigo aqui apresentado. De acordo com o decreto de nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2000 em seu artigo 3º, em que consiste:

Povos e comunidades tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua produção cultural, social e religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimento inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição (BRASIL, 2020).

A partir dessa visão, a vida no âmbito ribeirinho amazônico, reconhecida como comunidade tradicional, trata-se de uma forma específica e original de se viver na Amazônia, depara-se com uma realidade de diversidade de práticas religiosas e culturais, no viés de uma tradição que é muito valorizada pelo povo dessas localidades, em que costumes são repassados de geração a geração e que assim se perpetuam.

É nesta realidade que as comunidades ribeirinhas estão inseridas e praticam modos de conhecimentos diversificados, dentre eles, o catolicismo nos mais diversos setores de ações sociais (educação, saúde, etc) em prol de seu povo carente e da falta de acesso às políticas sociais em geral.

Este artigo consiste em apresentar a relação do sagrado religioso com as práticas de lutas sociais e de formação religiosa de uma comunidade católica ribeirinha, tendo como objetivo destacar a vivência cristã-ribeirinha e refletir sobre a relevância da atuação desses indivíduos no contexto político e social no qual estão inseridos.

2 COMUNIDADES RIBEIRINHAS

Abordará sobre as comunidades ribeirinhas quanto aos aspectos culturais, econômicos, sociais e políticos.

2.1 REALIDADE CULTURAL E ECONÔMICA

A cultura é uma das características mais fortes encontradas em solo amazônico, e nas localidades ribeirinhas, não é diferente, ela se apresenta como uma especificidade marcante desse povo, que se define a partir do reconhecimento identitário de ser ribeirinho amazônida.

Desta forma, o contexto cultural ribeirinho é encontrado em toda e qualquer atividade realizada por esses indivíduos, seja elas: econômicas, artísticas e/ou religiosas. É de fato uma cultura expressada na prática do viver no/com o ambiente ribeirinho da Amazônia. Ou seja,

A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações. A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo (LARAIA, 1986, p. 26).

Nessa perspectiva, a cultura assume um papel fundamental nas atitudes e nas ações humanas, vai além de ligações genéticas e hereditárias, é repassada de pai para filho, em um contexto histórico e significativo. São heranças passadas que devem permanecer em gerações futuras, consiste em um processo cultural na região das ilhas de Abaetetuba.

A perenidade das ações culturais amazônicas ribeirinhas, na perspectiva: do folclore, das lendas, histórias dos saberes populares das plantas medicinais, dentre outros, estão ligados, acima de tudo, às ações tradicionais, que são realizadas e repassadas por quem

carregam em si uma porção de sentimentos e características de um povo, e assim o indivíduo é educado nesse contexto e sente-se pertencente a ele.

Entretanto, muitos dos saberes da cultura ribeirinha local estão sendo perdida pelo viés das transformações impostas pela globalização que tem colocado a margem dos saberes tecnológicos. Mais ainda assim a cultura sobrevive a todo custo, como muito bem afirma Sahlins (1997, p. 41).

A “cultura” não tem a menor possibilidade de desaparecer enquanto objeto principal da antropologia – tampouco, aliás, enquanto preocupação fundamental de todas as ciências humanas. É claro que ela pode perder, e já perdeu, parte das qualidades de substância natural adquiridas durante o longo período em que a antropologia andou fascinada pelo positivismo. Mas a “cultura” não pode ser abandonada, sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humanas por meios de símbolos.

Outro ponto a se destacar nas localidades ribeirinhas é o contexto econômico e social vivido nesses lugares em que se localizam e executam suas atividades diárias, o contraste entre floresta e rio. O modo de fazer, criar e viver da maioria das famílias gira em torno desse território das águas e florestas, possibilitado pelo espaço geográfico e pelo que a natureza oferece em termos de recursos naturais, na realização do plantio de árvores frutíferas e plantas medicinais específicas da região, e na pesca desenvolvida por muitos ribeirinhos a partir do manejo de materiais produzidos pelos próprios pescadores.

No entanto, muitas práticas culturais das comunidades ribeirinhas amazônicas têm sido afetadas diretamente, como: a pesca artesanal, conflitos de terras, pesca ilegal, e a inserção de novos instrumentos de pesca por parte de grandes empresários que contribui para a pesca predatória na região. Porém, existe um conjunto de movimentos sociais e de organizações comunitárias que lutam e defendem a natureza das invasões indevidas de terras, da apropriação de pesca predatória e principalmente pela preservação dos recursos naturais que ainda restam.

No caso, das produções artesanais como: matapi, rede de pesca, entre outros, são de suma importância, nas atividades comerciais desse povo, e são saberes populares transmitidos por inúmeras gerações, possuem técnicas particulares cuja matéria-prima é retirada em sua maioria da própria natureza.

Chamo de técnica um ato tradicional eficaz (e vejam que, nisto, não difere do ato mágico, religioso, simbólico). É preciso que seja tradicional e eficaz. Não há técnica e tampouco transmissão se não há tradição. E nisso que o homem se distingue dos

animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral (MAUSS, 1974, p. 407).

A partir dessa visão, entende-se que as atividades artesanais desenvolvidas pelos ribeirinhos é uma característica tradicional, ou seja, faz parte da cultura desses grupos sociais, e são transmitidas como tal. São conhecimentos, que apesar de serem repassados de forma oral, não possuindo “receitas” prontas e acabadas, se fazem presente até hoje na vida cotidiana da realidade ribeirinha.

2.2 O CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO

O contexto social vivido nas comunidades ribeirinhas é de fato preocupante, pois muitas localidades ribeirinhas encontram-se esquecidas e abandonadas pelo poder público, uma realidade de exclusão social e humana em destaque no cotidiano desse povo. Realidade essa que é refletida e questionada pelos movimentos dos ribeirinhos e ribeirinhas de Abaetetuba a partir de um olhar de cunho religioso e social.

Um dos maiores problemas enfrentados na região das ilhas é a fragilidade do sistema de saúde pública, uma vez que grande parcela das localidades não possuem uma unidade básica de assistência à saúde e aquelas que contam com um prédio, ainda assim o atendimento não abrange toda a população local, não funcionando vinte e quatro horas, ou seja, se o caso for de urgência, exigir atendimento específico, só mesmo se deslocando para a zona urbana o que se torna, muitas vezes, inviável pela distância e localização de muitas comunidades.

Saneamento básico, uma política pública desconhecida pela população ribeirinha em que não se tem rede de água tratada, muito menos sistema de esgoto, logo os rios e igarapés são a única fonte de água utilizada para as tarefas domésticas, higiene pessoal, e para o consumo de muitos moradores, acarretando outra questão crítica, a contaminação e as doenças transmitidas por ela.

Outra adversidade que faz parte da vida ribeirinha é a precariedade do sistema educacional, particularmente a rede municipal de ensino que não disponibiliza escolas em todas as localidades, obrigando muitos ribeirinhos a matricularem seus filhos em comunidades próximas, ocasionando superlotação nas salas de aula. As escolas, em sua maioria, oferecem os níveis de alfabetização e o ensino fundamental menor conhecido hoje como 1º até ao 5º ano. Porém algumas instituições de ensino apresentam a realidade

multisseriado em que por falta de estrutura adequada, um grande número de alunos é inserido em uma única sala, mesmo com diferentes idades e nível de escolarização.

O ensino fundamental maior e ensino médio, também passam por muitas dificuldades para existirem e permanecerem nas comunidades ribeirinhas, em sua grande maioria, funciona via Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME), não possuindo um espaço adequado e próprio, é inserido em alguns casos nas escolas do município ou em barracões cedidos pela comunidade local, e assim os alunos passam por inúmeros problemas como: falta de professor, péssimas estruturas, ausência de materiais didáticos, carências no transporte escolar efetivo.

Desse modo, a realidade social ribeirinha é difícil e ao mesmo tempo desafiadora, face ao descaso e a exclusão de forma geral. Assim, percebe-se o valor das práticas religiosas que alimentam a esperança por meio das lutas sociais desenvolvidas pelas comunidades podem trazer mais dignidade ao povo das ilhas.

3 CATOLICISMO NA AMAZÔNIA: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

A história da igreja católica na Amazônia está relacionada com a própria colonização da região. Quando os portugueses chegaram ao Brasil e, sobretudo, na Amazônia trouxeram consigo a cultura de origem europeia, dos ditos “homens brancos” e começaram a propagar e impor esses costumes aos povos indígenas que habitavam e ainda hoje habitam a região. Entre esses costumes, destaca-se o catolicismo, religião de origem europeia.

A primeira forma, a partir do contato com os moradores locais (indígenas) a se traçar como estratégia dos colonizadores era de catequizar esses indígenas por meio da escolarização: ensinar para depois catequizar. Entretanto, “O processo colonial e a catequese fizeram tudo para acabar com as línguas e as religiões indígenas. Não conseguiram.” (FREIRE, 2016, p. 9).

Sem falar da brutalidade com que a prática do catolicismo foi propagada junto aos índios, “forçando-os” a se converterem ao viés da religião europeia. “Obrigando-os” a abandonarem suas culturas, sobretudo a prática religiosa que já praticavam, bem antes dos europeus pisarem em territórios amazônicos. Isso aconteceu por que:

As religiões indígenas também foram consideradas pelo catolicismo guerreiro, no passado, como um conjunto de superstições, o que é uma estupidez siderúrgica. Basta entrar em contato com as formas de expressão religiosa de qualquer grupo indígena, para verificar que essa visão é etnocêntrica e preconceituosa (FREIRE, 2016, p. 8).

A Amazônia viveu no início de sua colonização dois movimentos de catolicismo: o catolicismo do “Período Colonial” e o “Período da Romanização”.

No que se refere ao primeiro, Mata (2007, p. 21) afirma que:

Uma dessas experiências foi a dos franceses, que entraram no Maranhão entre 1612-1615 e estabeleceram a chamada “França Equinocial”, trazendo consigo os primeiros missionários do Norte do Brasil: eram os Capuchinhos franceses que evangelizavam os índios tupinambás⁴.

Entretanto, em 1616, os missionários Capuchinhos foram expulsos pelos portugueses que dominaram a região Amazônica, particularmente a Amazônia Paraense, iniciando-se assim o processo de conquista, colonização e catequização dos habitantes locais. O catolicismo na Amazônia teve tanta influência dos europeus que:

Acompanhando esse processo veio a evangelização: além de um padre secular que foi o pároco da 1ª Paróquia na região, vieram também os religiosos: em 1617 chegaram os Franciscanos de Santo Antônio, em 1626 chegaram os Carmelitas, em 1640 chegaram os Mercedários, em 1652 os Jesuítas, em 1693, os Franciscanos da Beira e Minho, e em 1706 os Franciscanos da Conceição. Esses missionários fundaram 63 aldeamentos de missão. Havia cerca de 200 missionários relacionados não só ao trabalho de catequização [...] (MATA, 2007, p. 21-22).

É importante destacar que no período Jesuítico a igreja católica estava vinculada a coroa Portuguesa (Monarquia), cujo papel era catequizar os indígenas.

No Período da “Romanização”, a igreja se desvincula da monarquia brasileira, focando a partir de então no catolicismo Romano que, influenciou, decisivamente na religião amazônica. O “afastamento da Igreja católica da monarquia brasileira, com a cessação do regime do Padroado (terminado em 1890) e a aproximação de Roma e do Papa” (MATA, 2007, p. 23).

Assim, a igreja católica passa a ser organizada pelas orientações de Roma. Reformas foram realizadas a fim de “libertar a Igreja das amarras de uma viciada tradição colonialista” (MATA, 2007, p. 23).

⁴ O frei Claude d’Abbeville deixou registrado para a história o trabalho dos Capuchinhos numa obra intitulada “História dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas”, Itatiaia Liv. Ed. 1975 (MATA, 2007, p. 21).

Como ações implementadas na região Amazônica, pelo catolicismo Romano, destacam-se:

A criação da Diocese de Manaus em 1892, a elevação da Diocese de Belém a Arquidiocese (1906) e a criação das diversas Prelazias ou Prefeituras Apostólicas entregues ao cuidado dos religiosos que começaram, pouco a pouco, a chegar na região, para atuar, sobretudo, nas áreas de maior carência da presença da Igreja: inicialmente para as missões indígenas, para o seminário e para as antigas missões transformadas em Paróquias. Chegaram aqui os frades Capuchinhos (1843), os Franciscanos (1870) os Espiritanos (1885), Dominicanos (1897), Agostinos Recoletos, Barnabitas, Maristas, Beneditinos, Salesianos, jesuítas, servitas, Preciosíssimo Sangue, etc. Um dado significativo nessa história é a presença, na região, das Congregações religiosas femininas que passaram a atuar nos hospitais, leprosários, colégios, orfanatos, escolas, missões indígenas, em muitos lugares atuando lado a lado com os religiosos: Dorotéias, Filhas de Sant' Ana, Capuchinhas, Dominicanas, Irmãs de Santa Catarina. Houve também a criação de congregações femininas aqui mesmo na região (MATA, 2007, p. 23-24).

Desta forma, o catolicismo Romano implementou diferentes formas de propagação da religiosidade na Amazônia, com vertentes voltadas pelas orientações do Papado Romano. E como se sabe este modelo de religião se encontra presente ainda, nos dias atuais. Com formas mais humanitárias de se efetivar a religião católica aos habitantes locais.

De todo modo, o catolicismo propagado a nação brasileira, como padrão a ser seguido, como cultura do branco, “forçaram” os indígenas a serem aculturados, dizimados e catequizados, mesmo pelo viés, impositório como foi praticado.

Para se ter uma ideia da influência do catolicismo na Amazônia e porque não dizer no Brasil, como um todo, apresentamos dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (1980 - 2010) sobre as religiões Católica e Evangélica no Brasil.

Quadro 1 - Números de Católicos e Evangélicos segundo o IBGE (1980 - 2010)

Anos do Censo	Católicos	Evangélicos
1980	89.0 %	6.6%
1991	83.3%	9.0%
2000	73.9%	15.6%
2010	65.0%	22.0%

Fonte: IBGE (1980 - 2010).

Segundo os dados do IBGE, até 2010, a maioria da população brasileira é declarada pertencente à Igreja Católica. Seguido de evangélico. Apesar de a religião católica concentrar

um número maior de fiéis. Porém, o catolicismo diminui a cada década, enquanto os evangélicos aumentam consideravelmente.

Poderíamos avançar ainda mais com a discussão do catolicismo na Amazônia. Mas a intenção do texto não é essa, e sim aprofundar os estudos sobre a igreja e a religião católica no município de Abaetetuba, particularmente na comunidade ribeirinha de Rio Campompema.

3.1 CATOLICISMO EM ABAETETUBA: BREVE INTRODUÇÃO

O contexto do catolicismo em Abaetetuba, como parte da Amazônia, coincide com a criação da própria cidade. Quando Francisco de Azevedo Monteiro em 1724 navegava com sua família pelos rios da Amazônia, rumo às sesmarias⁵ lhe cedida pelo Rei de Portugal, que se propunha a cultivar. No trajeto da viagem se deparou com um devaneio no meio da viagem, uma forte tempestade, sem ter muita opção que pudesse lhe salvar e salvar sua família fez um pedido a Nossa Senhora da Conceição, caso ele, com sua família sobrevivessem a forte tempestade, no local onde aportassem construiria uma igreja em homenagem a Santa.

Conta-nos a lenda que, viajando com toda sua família, de Belém para a sua propriedade Francisco Monteiro foi açoitado por violenta tempestade, tendo sofrido desvio da rota pela qual viajava. Era o dia 8 de dezembro de 1724, dia consagrado à Nossa Senhora da Conceição.

Monteiro temendo por sua vida e pela dos seus, prometeu á santa que, caso encontrasse salvação, no local onde aportasse erigiria uma capela em Sua honra. Conseguiu aportar no local onde hoje se localiza o chamado “Cruzeiro”, no início da atual Tv. Pedro Rodrigues, ás margens do rio Maratauíra. Aí, Monteiro construiu a capela, como pagamento da promessa (MACHADO, 1986, p. 25-26).

As demais igrejas católicas no município foram construídas também pelos mesmos motivos. Desta maneira, o catolicismo em Abaetetuba surge com a criação da cidade e ao mesmo tempo por promessas feitas, inicialmente, por Francisco Azevedo Monteiro. Promessas essas feitas também por outros cidadãos abaetetubenses que contribuíram para surgimento de diferentes igrejas católicas no município⁶, isto é, “pelos mesmos motivos foram construídas as demais capelas e igrejas do município” (MACHADO, 1986, p. 49).

Em Abaetetuba, a igreja católica tem contribuído fortemente com a formação dos sujeitos sociais locais, por meio das pastorais (catequese, pastoral familiar, pastoral do idoso,

⁵ “Eram lotes de terra inculca que os Reis de Portugal cediam a quem se dispusesse a cultivá-las” (MACHADO, 1987, p. 25).

⁶ Para saber mais sobre a história das primeiras igrejas e da religião católica no município. Ver o livro “**Terras de Abaetetuba**” de autoria de Jorge Machado.

pastoral do menor, pastoral da juventude, pastoral do dízimo, dentre outras) e na organização social da comunidade (movimentos sociais) frente a fatores diversos (meio ambiente, educação, saúde, segurança pública, saneamento, energia elétrica etc).

4 RELIGIOSIDADE COMUNITÁRIA

Depois de discutir sobre a realidade econômica, cultura e social no âmbito ribeirinho, chegamos ao ponto primordial e de destaque do texto, a religiosidade em um contexto comunitário.

Historicamente pela catequização forçada dos colonizadores, ainda nos tempos do Brasil Colônia, a tradição cristã católica foi se fortalecendo, e assim, é até hoje expressada na religiosidade dos ribeirinhos, criando as comunidades católicas nas ilhas, analisadas a partir de um conceito reconhecido pela igreja católica no Brasil, representada aqui pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que irá contribuir para uma melhor compreensão do contexto religioso na vida comunitária das ilhas de Abaetetuba.

Antes de discorrer sobre as estruturas religiosas nas comunidades ribeirinhas, precisa-se destacar o significado e as especificidades do termo “*comunidade*” em um conceito mais abrangente, caracteriza-se como agrupamentos humanos, em que os indivíduos dividem os mesmos ideais ou possuem algo em comum, vivendo em uma coletividade teoricamente harmônica.

Teologicamente a palavra “*comunidade*” significa a união íntima ou a comunhão das pessoas entre si e delas com a figura divina, o que conceitualmente define as comunidades ribeirinhas, o sentido comunitário para esse povo reforça a dimensão do “ser cristão” nas relações com as necessidades do outro, no entendimento de que o bem de todos é fundamental na vivência de uma comunidade, o que segundo a doutrina da igreja católica, é a prática autêntica da verdadeira experiência cristã.

Nesta visão teológica, as comunidades, também chamadas de tradicionais, são reconhecidas como Comunidades Eclesiais de Base⁷ que desempenham um papel religioso e social a partir das estruturas pastorais, que são grupos que atuam dentro e fora da comunidade local, e que fazem trabalhos importantíssimos na vida comunitária, tanto na perspectiva

⁷ Devido às novas diretrizes Gerais da ação Evangelização no Brasil os bispos estão orientando que agora sejam denominadas “Comunidades Eclesiais Missionárias”, que entrou em vigor no ano de 2020 e vai até 2023, a paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz utiliza o termo: “Comunidades Eclesiais de Base Missionária” (Documento 109, CNBB. Diretrizes Gerais da ação evangelizadora, Aparecida- SP, 2019).

religiosa, com as celebrações tradicionais, quanto na vida social, organizando movimentos e ações que visam o bem estar dos ribeirinhos. Desta forma, merecem ser apresentados e detalhados com cautela. Assim, percebe-se que:

A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. [...] não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional. [...] A religião fundamenta as exigências mais específicas da ação humana nos contextos mais gerais da existência humana (GEERTZ, 2008, p. 92).

Segundo Geertz (2008), a religião assume um contexto muito mais amplo que simplesmente um conhecimento explicativo para existência humana ou um modo de “crença” pré-determinado; é de certa forma uma conduta de vida assumida por um caráter ético e moral do ser humano. O culto ao sagrado, confirma o acreditar nos dogmas religiosos que também se faz presente na essência e no sentimentalismo humano que influencia na base cultural e social do indivíduo.

A vivência religiosa nas comunidades católicas ribeirinhas, portanto, se estruturam da seguinte forma: nas celebrações dominicais, conforme **Fotografia 1** e festas religiosas que são muito valorizadas pelas comunidades, em que datas religiosas comemorativas são seguidas à risca, possuem um grande significado e assim são reconhecidas, sendo a igreja católica muito presente na vida dessa população ribeirinha, atuando nas organizações sociais que são nomeadas e reconhecidas com a identidade, em sua maioria, de santidades da fé católica, que por meio de uma tradição são atribuídos como padroeiros e protetores dessas localidades.

Fotografia 1 - Celebração dominical na comunidade de São João Batista



“É bom lembrar que o divino é oriundo das realidades quotidianas, que ele se elabora, a pouco na partilha dos gestos simples e rotineiros [...]” afirmou Michel Maffesoli (1998, p.

38), um modo de pensar que se relaciona a religiosidade ribeirinha que é fundamentada não somente nas diretrizes da igreja católica, mas que também é construída a partir da realidade rural-ribeirinha das comunidades, se intercalando com a cultura e os costumes locais, que contribuem para a formação dos rituais religiosos nesses ambientes.

É importante observar que, particularmente na religião popular é muito difícil fazer uma separação entre costumes e rituais canonicamente estabelecidos [...]. Podemos dizer, então, que da mesma maneira que o ritual litúrgico torna a igreja visível, o costume faz uma comunidade existir como tal. [...] permitem que as comunidades se unam e assim se transformam (MAFFESOLI, 1998, p. 33).

No contexto ribeirinho, encontra-se uma ligação entre o sagrado, estabelecido pela fé católica, e os costumes presentes na realidade dessa população que é bem comum e faz com que essas comunidades se identifiquem com uma gama de possibilidades culturais que não deixam a religiosidade cristã se perder, fazendo das comunidades um espaço que abriga esse elo e nele fundamenta-se suas transformações e enriquecimento dos rituais religiosos.

Entretanto, percebe-se que:

A comunidade, por sua vez, esgota sua energia na própria criação (ou eventualmente, recreação). Isto é o que permite estabelecer um laço entre a ética comunitária e a solidariedade. Um dos aspectos particularmente marcante dessa ligação é o desenvolvimento do ritual (MAFFESOLI, 1944, p. 25).

Nesse viés, as práticas religiosas desenvolvidas nas comunidades também ajudam a estabelecer as potencialidades éticas solidárias de cada indivíduo que estão inseridas nesse meio, e que se sentem pertencentes a ele. Dentro dessa estrutura comunitária estabelecem e constroem relações afetivas e coletivas, propiciando e criando essas ligações a partir do processo sagrado e religioso que realiza.

A vivência religiosa comunitária, portanto, propicia o acolhimento fraterno e a valorização pessoal e coletiva, mas, além disso, cria e estabelece relações que são fundamentais no processo religioso e social em que o individualismo perde espaço e a unidade deve prevalecer, traçando e tecendo a essência da vida comunitária.

4.1 AÇÕES DA IGREJA NA COMUNIDADE: HUMANIZANDO POR MEIO DAS PASTORAIS

Para organizar uma comunidade na região ribeirinha, chamadas de Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), necessita-se que os “leigos e leigas” coloquem-se a serviço da religiosidade, assim sendo, terá dentro da comunidade uma vasta diversidade de serviços, em que são incluídos as crianças, jovens, mulheres e idosos, por isso, toda a comunidade deve ter suas pastorais, e estas devem ter uma coordenação a qual precisa promover a fraternidade, o diálogo, o respeito, o incentivo para transformação da sociedade, na luta por direitos. Deste modo, é o conjunto que deve atuar, e não o individualismo e o autoritarismo, pois estes devem se doar tendo como foco à evangelização, esta segundo o CNBB (2014, p. 135):

[...] só será possível quando essa acolhida priorizar a escuta do *outro* para conhecer suas angústias e esperanças. Essa dimensão intersubjetiva da pastoral não pode estacionar nos serviços individuais do atendimento religioso, mas deverá suscitar a participação, o envolvimento e o compromisso na comunidade e na sociedade.

Para tanto, é necessário o processo de formação oferecido pela Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz para a coordenação da própria comunidade e coordenadores das pastorais. Neste sentido:

As CEBs são a presença da Igreja junto aos mais simples, comprometendo-se com eles em buscar uma sociedade mais justa e solidária. Elas constituem “uma forma privilegiada de vivencia comunitária da fé, inserida no seio da sociedade em perspectivas proféticas” (CNBB, 2014 p.119).

A comunidade Católica São João Batista, localizada no rio Campompema (ver **Fotografia 2**), possui uma grande área territorial, e divide-se em: Campompema baixo, Campompema meio e Campompema cima, nos quais ocorrem programações religiosas e de encontros pastorais, durante toda a semana.

Fotografia 2 - Igreja de São João Batista (Rio Campompema)



As programações na comunidade iniciam-se no domingo com a Celebração da Palavra, às 9h da manhã na igreja de São João Batista; a liturgia dos domingos é organizada por cada pastoral existente na comunidade, na quinta-feira a qual antecede o domingo se reúnem para a vivência, este momento é indispensável para que os grupos pastorais que vão exercer os ministérios se preparem para a celebração, organizando cada detalhe da mesma. A ordem de celebração por pastorais segue:

- Pastoral da Criança grupo 1
- Catequese
- Pastoral da Criança grupo 2
- Pastoral Social
- Pastoral da Criança grupo 3
- Pastoral Familiar
- Pastoral Juventude
- Pastoral do Dizimo (somente no quarto domingo de cada mês).

Cada uma destas pastorais supracitadas exerce um papel fundamental dentro da comunidade, uma vez que, são elas as responsáveis por integrar grupos de pessoas, cada uma tem seu público, seu modo de trabalhar e sua organização, atuando de forma conjunta com a coordenação geral da comunidade. Observem um pouco como as pastorais trabalham, através da Fotografia 3, ilustrada abaixo.

Fotografia 3 - Encontro de Catequese (Perseverança)



Esta é uma pastoral que trabalha na evangelização e no encontro de crianças e adolescentes com Cristo. Na referida comunidade se trabalha todas as etapas que são separadas da seguinte forma: catequese de base de acordo com a idade das crianças: de 7 a 10 anos; eucaristia crianças/adolescentes de 11 a 14 anos e a perseverança etapa de adolescentes que já passaram pelo processo da eucaristia. Os encontros são organizados por catequistas, em sua maioria jovens, e ocorrem todos os domingos, no espaço cedido pela escola que fica ao lado da Igreja, com início às 7: 45h e término às 8: 30h. Logo após, acontece a celebração da Palavra, que inicia as 9: 00h na igreja.

Além de fazer parte também desta pastoral, o Batismo e Processo de Iniciação a Vida Cristã de Jovens e Adultos.

Algumas atividades realizadas pela catequese de base, estão ilustradas nas **Fotografias de 4-9:**

Fotografia 4 - encontro de catequese (base)



Fotografia 5 - encontro de catequese (base)



Fotografia 6 - Coroação de Nossa Sra.



Fotografia 7 - Encontro da Iniciação a Vida Cristã



Fotografia 8- Encontro da Iniciação a Vida Cristã (adultos)



Fotografia 9 - Encontro da Pastoral da Juventude



Segundo a CNBB (2014, p. 116), “Que lamentável é a existência de uma comunidade que não atrai os jovens”! “Sem o rosto jovem a Igreja se apresentaria desfigurada”.

Esta pastoral se apresenta através do grupo “Amigos de Jesus”, conta com jovens de idade entre 15 e 28 anos, conta também com assessores que são pessoas com mais experiências de vida e dentro da comunidade, que acompanham esses jovens em seus encontros semanais que acontecem aos sábados a partir das 14: 00h, no centro comunitário e em movimentos como: Natal e Páscoa Jovem que cada ano é realizado em uma comunidade diferente das ilhas de Abaetetuba e em passeios os quais são organizados pelos próprios jovens. A juventude do Campompema também organiza ações como no mês de junho, juntamente com a catequese, as tradicionais brincadeiras de São João, com distribuição de brindes e sopa etc.

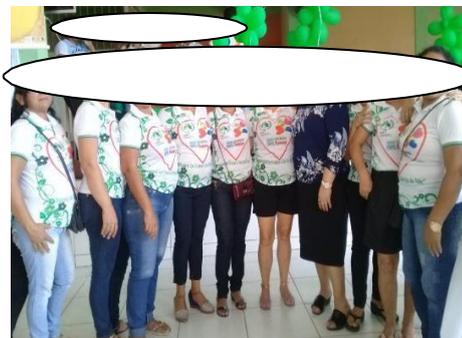
4.1.1 Pastoral da criança (grupos 1 , 2 e 3)

As comunidades católicas ribeirinhas também apresentam e dividem-se nas estruturas de pastorais que realizam um trabalho de acompanhamento de evangelização e de cunho solidário, como é o caso da pastoral da criança que é um organismo social da igreja cujo objetivo visa a promoção integral do desenvolvimento de crianças entre 0 e 6 anos de idade em seu ambiente familiar e na comunidade, e que há muitos anos desenvolve um papel fundamental no combate à desnutrição e mortalidade infantil, e que nas ilhas de Abaetetuba são referências na diminuição desses casos levando informação às famílias no cuidado na gestação, e depois com os recém nascidos, no aleitamento materno, na prevenção de doenças e infecções, também realizam visitas periódicas informando sobre a vacinação e os deveres dos pais no desenvolvimento saudável de seus filhos, pois:

A Missão da Pastoral da Criança é promover o desenvolvimento infantil, à luz do evangelho, reforçando a opção pelos pobres, desde o ventre materno até os 6 anos, contribuindo para que famílias e comunidades realizem sua própria transformação, por meio de orientações básicas de saúde, nutrição, educação e cidadania, fundamentadas na mística cristã que une fé e vida (DIAS, 2016, p.17).

Segundo o Papa Francisco: “Uma Igreja sem mulheres é como o Colégio Apostólico sem Maria (CNBB, 2014, p. 115)”. Dentro da comunidade existem 4 grupos (um desses faz somente o trabalho de peso das crianças) e se dividem de acordo com os setores: baixo, meio e cima, nos quais as mulheres se reúnem as quartas-feiras à tarde. O encontro acontece cada semana em uma casa para celebrarem, se programarem, e também fazerem visitas as pessoas enfermas, idosas, gestantes, entre outras (conferir nas **Fotografias de 10-14**). Um sábado ao mês fazem o peso das crianças, tendo assim o acompanhamento da saúde destas. Também organizam bingo entre elas para doarem para os doentes e nas festividades que ocorrem ao longo do ano na comunidade.

Fotografia 10 - Líderes da Pastoral da criança



Fotografia 11 - Grupo 1 setor cima



Fotografia 12 - Grupo 2- setor meio



Fotografia 13 - Grupo 3 - setor baixo



Fotografia 14 – Celebração da vida- pesagem das crianças



4.1.2 Pastoral familiar

Outo organismo da igreja católica presente e atuante na comunidade é a pastoral familiar, ou grupo de casais, que realiza encontros e reúne as famílias uma vez por semana, com objetivo de evangelizar e principalmente formar e conscientizar os participantes sobre assuntos atualizados em que devem ser abordados no núcleo familiar, a fim de despertar um olhar mais sensível e cristão dentro desses percalços sociais, fomentando também atitudes que facilitem o entendimento dos laços familiares como dom e graça divinas. Dentro dessa perspectiva o documento 100 da CNBB (2014, p. 113) afirma:

Valorizar a família, santuário da vida, os grupos de casais que se apoiam mutuamente, promovendo encontro entre famílias, são exemplos de iniciativas para conscientizar as pessoas sobre a importância da família na vida de cada um, na comunidade e na sociedade.

Nesse contexto, a pastoral familiar assume também um papel social, na vida comunitária, no entanto, a comunidade possui somente um grupo de casais, no setor cima, estes se reúnem as segundas-feiras, a partir das 19: 30, e são momentos ricos de trocas de experiências, da vida conjugal com casais que apresentam diferentes faixas-etárias, e tempo de união diversos.

Portanto, a essência da pastoral familiar surge da necessidade de momentos de partilha e reflexão com temas vividos em família, e alimenta-se da importância do ambiente familiar, como espaço fraterno, também valorizado pela igreja católica.

4.1.3 Pastoral social

A partir de uma abordagem breve sobre algumas pastorais atuantes na comunidade deve-se ressaltar nos próximos parágrafos, outro organismo católico que se apresenta como a “culminância” das estruturas pastorais aqui apresentadas, a pastoral que é responsável por lutar pelos direitos do povo, a pastoral social, que compreende as ações humanitárias e sociais desempenhadas pela e para toda a comunidade presente nos trabalhos das demais pastorais e atuante na sociedade. Levando em consideração os seguintes aspectos enfatizados pela CNBB (2014, p. 145): “A comunidade há de marcar presença também diante dos grandes desafios da humanidade: defesa da vida, ecologia, ética na política, economia solidaria e cultura da paz”.

Nesse sentido, a pastoral social tem como objetivo reivindicar e zelar pelos direitos da população ribeirinha à luz das atitudes proféticas de Jesus, sendo essa relação evangélica-social, sua definição e “bandeira de luta”. Na comunidade estudada nesse texto, a pastoral social está presente em diversos momentos de forma mais incisiva e atuante nos ambientes em que a vida, em todas as suas ramificações, está sendo ameaçada e precisa ser defendida.

A pastoral atua na conscientização e mobilização da comunidade no que tange as fragilidades ou ausência de políticas públicas de qualidade. Dentro da comunidade existe um grupo de pessoas que coordenam as ações dessa pastoral, mas não se limitam apenas a esses indivíduos, uma vez que, a essência do trabalho social está presente nas outras pastorais, sendo o cuidado com a vida uma tarefa de toda comunidade.

Dessa forma, a pastoral social é um instrumento muito importante dentro da vida comunitária, e se buscarmos entender a realidade ribeirinha em um contexto sócio-político, esta afirmação, torna-se ainda mais verdadeira e compreensível, pois em meio a tantas dificuldades vivenciadas dentro destas localidades, onde o descaso e a negligência na garantia dos direitos é uma realidade, contar com um organismo que luta contra essa “maré” conforta e renova as forças e a esperança de dias melhores, preenchendo esse cenário de forma mais positiva, e mesmo enfrentando tantos percalços, essas pessoas se apresentam como seres eclesiais engajados na sociedade, sendo uma voz que não se cala diante de um contexto que fere a dignidade humana.

4.1.4 Pastoral do dízimo

O dízimo é uma contribuição sistemática e periódica dos fiéis, por meio da qual cada comunidade assume corresponsavelmente sua sustentação e a da Igreja. Ele pressupõe pessoas evangelizadas e comprometidas com a evangelização (CNBB, 2016, p. 13).

Ou seja, a contribuição dos fiéis é espontânea, a mesma ocorre na celebração do 4º domingo de cada mês, com o valor arrecadado contribui para as obras da comunidade e da Igreja, como: as missionárias e as de caráter caritativos.

A comunidade conta com uma equipe de pessoas, conforme a **Fotografia 15**, que atuam nesta pastoral fazendo trabalhos de visitas, conscientização a respeito da contribuição, esclarecendo, que o dízimo não é uma esmola, e nem uma obrigação; que somente tem a função de capitar recursos financeiros, seu real sentido é a doação amorosa e consciente, no sentido de devolução e agradecimento a Deus.

O Ministro Extraordinário da Comunhão é um leigo ou uma leiga a quem é dada permissão, de forma temporária, para exercer um serviço, relacionado à Eucaristia em prol da comunidade. É um ministro de Jesus Vivo, presente na Eucaristia, chamado a provocar encontros entre Jesus e as pessoas. (DIOCESE DE PONTA GROSSA, 2008, p. 21)

Fotografia 15 - Equipe do Dízimo



Na comunidade já citada, conta com 4 ministros (**ver Fotografia 16**) extraordinários da sagrada comunhão, dois homens e duas mulheres, estes têm o papel, nas celebrações da Palavra aos domingos distribuírem as hóstias consagradas, visitarem os enfermos e idosos em suas casas. Estes participam de encontros de formação na Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz.

Fotografia 16 - Ministros da Eucaristia



4.2 NOVENA

A novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, é uma prática muito viva na comunidade, se realiza nos três setores da mesma e as terças-feiras. Ao longo do rio tem muitas vilas de casas, por isso a novena ocorre em cada terça-feira na casa de uma família, reunindo assim crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Tem-se a acolhida da imagem na casa, é servido o café, logo após o momento da novena, com orações e bênçãos; também se realiza antes ou depois da novena o bingo, onde o dono da casa doa os prêmios que não são coisas caras e sim na maioria das vezes são alimentos (goiabada, café, leite, bolacha etc). O dinheiro arrecadado é para fins da própria comunidade, ao final da novena tem a distribuição de lanche doado também pelo dono da casa.

4.3 IGREJA E SOCIAL: UMA RELAÇÃO FRATERNA

Há muito tempo se discute e se observa em muitas pautas de estudo sobre o comportamento das religiões nas questões mais complexas da sociedade, nos conflitos políticos e sociais vivenciados na atual conjuntura na qual estamos inseridos. Ao aprofundar o estudo nas características sociais da igreja, particularmente católica, percebemos que elas estão fundamentadas em um interesse autêntico e sincero nos problemas vivenciados na sociedade, principalmente quando o assunto envolve o descaso com as políticas públicas e a negligência na garantia dos direitos humanos que fere a dignidade humana. Em um conceito teológico, essa atuação nasce da fé fundamentada no exemplo divino de Jesus Cristo, e amadurece quando há a necessidade diante da realidade de sofrimento, de assumir atitudes e “lutas” em prol de uma vida mais humana e fraterna.

Diante desse cenário, o documento: Diretrizes gerais da ação evangelizadora da igreja no Brasil, publicado pela CNBB, orienta nas ações cristãs comunitárias da seguinte maneira:

As comunidades e demais instituições católicas deverão de colaborar com outras instituições privadas ou públicas, com os movimentos populares e outras entidades da sociedade civil, no sentido de reivindicar democraticamente a implantação e a execução de políticas públicas voltadas para a defesa da vida e do bem comum, segundo a Doutrina Social da Igreja (CNBB, 2008, p. 139).

Nesta perspectiva, a igreja católica no Brasil se mostra preocupada e presente nos movimentos sociais por meio das organizações comunitárias e também ribeirinhas, as quais buscam a realização dessas ações e assim seguir a linha social instituída nos preceitos católicos da igreja.

É nesse sentido que a CNBB lança anualmente desde 1962 a campanha da fraternidade, com o objetivo de despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a conjuntura social brasileira buscando caminhos e solução. No ano de 2019, a temática trabalhada foi “Fraternidade e Políticas Públicas”, convidando a uma reflexão acerca da atuação dos sujeitos cristãos na política como meio de transformação na melhoria de vida de todos.

Estas são, portanto, umas das iniciativas da igreja de enfrentar tantos desafios de ordem social e as comunidades ribeirinhas sentem a necessidade de um engajamento nos movimentos populares. Segundo Maffesoli (1998, p. 16): “Há momentos em que o “divino” social ganha corpo através de uma emoção coletiva que se reconhece em tal o qual tipificação”, esse pensamento interpela as especificidades estruturais sociais e pastorais das CEBs, a ação aqui, torna-se comunitária e assim ganha força, em que a ajuda é mútua e as conquistas valorizadas de forma recíproca. A relação da igreja com o social para muitos ribeirinhos é a base do acreditar no divino.

A dimensão social presente nas comunidades ribeirinhas das ilhas de Abaetetuba perpassam por muitas ações realizadas principalmente pela pastoral social de cada localidade, que atuam nas melhorias do processo educativo ribeirinho, lutam por uma assistência à saúde que deveria abranger a todos, conscientizam para o cuidado com o meio ambiente, possuem a bandeira de luta firmada profeticamente e socialmente como sujeitos eclesiais ribeirinhos, cidadãos que possuem direitos que precisam ser respeitados. A pastoral social surge com esse intuito e vivencia esse propósito.

As comunidades reconhecidas como organismos sociais, se identificam como tais na maneira que as dificuldades de um se transforma em um desafio partilhado por todos e nessa interação formam uma particularidade de fato comunitário.

A ligação entre a emoção partilhada e a comunalização aberta é que suscita essa multiplicidade de grupos, que chegam a constituir uma forma de laço social, no fim das contas bem sólido. Trata-se de uma modulação permanente, que, tal como fio condutor percorre todo o corpo social (MAFFESOLI, 1998, p. 18).

Desse modo, a existência e perenidade dos trabalhos da pastoral social se configuram tanto na importância e necessidade dele para a comunidade, quanto na sólida relação que a pastoral favorece entre seus membros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou a realidade eclesial e social específica de uma realidade ribeirinha, particularmente o contexto da comunidade ribeirinha São João Batista, ilha de Campompema, pontuando as especificidades de sua rica cultura, bem como sua vivência política e social que enfrentam inúmeros desafios para coexistirem de maneira digna em uma realidade carente de políticas públicas de qualidade. E nesse contexto a atuação significativa das práticas religiosas que influenciam, não somente no acreditar em Deus e profeticamente anunciá-lo, mas também permite a essa população a confiança e a esperança de dias melhores, conquistados por um viés de lutas e movimentos reivindicatórios.

A força da religiosidade, de fato, atravessa barreiras seja pela vivência baseada na interação comunitária e na unidade, seja pelo aspecto transformador na sociedade, nas localidades ribeirinhas é uma presente característica que tem um papel de destaque no cotidiano cristão vivido pelos ribeirinhos, em que as práticas religiosas, a devoção às santidades católicas, que se atrela aos fundamentos tradicionais, são muito valorizadas e configuram a luz da resistência desse povo.

Nesse sentido, as CEBs representam o reflexo da vida em comunhão e das primeiras comunidades cristãs, em que a luta pela vida em plenitude de todos toma corpo e a solidariedade é um sentimento recíproco. Um interesse comum entre as comunidades, aqui consiste o objetivo das atividades produzidas nas estruturas pastorais, onde damos ênfase a pastoral da criança e seu projeto de anos cuidando de vidas, e a pastoral social que representa

a relação da igreja com a atuação nas causas políticas, na conquista e na garantia dos direitos dos esquecidos e marginalizados.

Nesse contexto podemos constatar a importância da atuação da igreja católica como instituição que possui uma doutrina social na participação das comunidades ribeirinhas, nas lutas e movimentos populares, que a partir de um conceito firmado na fé, carregam uma bandeira de luta que precisa ser reconhecida com um olhar mais humano em que as políticas públicas, como direito, seja uma realidade nas localidades ribeirinhas independentemente da sua localização geográfica, sendo a relação da igreja com o social, um caminho fraterno para a consolidação dessas conquistas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto o decreto de nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2000.**

Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil>. Acesso em 27 de abr. de 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil.** 46ª Assembleia Geral. Itaiaci – Indaiatuba, SP, 2008. (Documentos da CNBB, 109).

CONFERÊNCIA NACIONAL DE BISPOS DO BRASIL. **Comunidades de Comunidades: uma nova paróquia.** 52ª Assembleia Geral. Aparecida-São Paulo: Paulinas, 2014. (Documentos da CNBB, 100)

CONFERÊNCIA NACIONAL DE BISPOS DO BRASIL. **O dízimo na comunidade de fé: orientações e propostas.** 2. ed. 2016. (Documentos da CNBB, 106).

CONFERÊNCIA NACIONAL DE BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes Gerais da ação evangelizadora,** Aparecida- SP, 2019. (Documentos da CNBB, 109).

DIAS, Ester Costa de Oliveira. **Pastoral da Criança: um olhar para a educação sociocomunitária e suas intervenções no Bairro Cidade Satélite Íris I em Campinas.** (Dissertação de Mestrado em Educação), Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Americana- SP. 2016.

DIOCESE DE PONTA GROSSA. **Ministro extraordinária da comunhão e da esperança.** Ponta Grossa, PR: Impresso Arte Gráfica e Editora Ltda, [ca 2008], 157 p. Disponível em: [file:///C:/Users/TCORP/Downloads/Manual-Definitivo%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/TCORP/Downloads/Manual-Definitivo%20(1).pdf). Acesso em: 19 de nov. de 2020.

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco Ideias Equivocadas sobre o Índio. **Revista Ensaios e Pesquisa em Educação**, 2016, p. 3-23.

GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 abr. de 2020.

LARAIA, Roque de Barros, **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed., 2001.

MACEDO, Aldinei Azevedo *et. al.* Um olhar sobre o local: o espaço ribeirinho. In: NASCIMENTO, Afonso Welliton de Sousa; RIBEIRO, Joyce Otânea Seixas (Orgs.) **Educação: enfoques, problemas, experiências**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010, p. 209-223.

MACHADO, Jorge. **Terras de Abaetetuba**. Belém: CEJUP, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1998.

MATA, Raimundo Possidônio Carrera da. A igreja e sua missão na Amazônia. **Encontros Teológicos**, nº 46, ano 22, v. 1, 2007, p. 19-28.

MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: Marcel Mauss, **Sociologia e Antropologia**, v.2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

SAHLINS, Marshall. “O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I)”. **Mana**, v . 3, n. 2, p. 103-150.